



Carta Pastoral – Agosto 2021

«Aproveitem bem o tempo,
porque os dias que correm são maus»
(Efésios 5,16)



D. Jorge Pina Cabral
Igreja Lusitana

1 - Um futuro sombrio

«Aproveitem bem o tempo, porque os dias que correm são maus. Por isso, não façam as coisas de qualquer maneira, mas procurem compreender bem qual é a vontade do Senhor». (Efésios 5, 16 e 17)

Recordei esta exortação da carta de Paulo aos Efésios ao ler a notícia sobre o mais recente relatório do «*Painel Intergovernamental para as alterações climáticas*»¹. Este Painel Científico refere uma vez mais, a forma como o nosso país e a região do mediterrâneo em geral, serão afetados nas próximas décadas pelas alterações climáticas. Os efeitos serão: *«subida de temperatura – aumento dos períodos de seca e ondas de calor, períodos de chuva menos frequentes, mas mais intensos, e uma linha de costa mais ameaçada pela subida do nível médio do mar»*.

Segundo os especialistas ouvidos, *«os resultados não são manifestamente diferentes do que sabíamos, mas têm uma fundamentação mais forte»*. Referindo-se a este relatório, o ministro português do ambiente, Matos Fernandes, diz ter encontrado sobretudo duas novidades; uma técnica e outra de linguagem: do lado técnico, o ritmo a que o planeta poderá tornar-se 1,5 graus mais quente do que no período pré-industrial acelerou e tal poderá acontecer em menos de 20 anos. Do lado da linguagem refere: *«não me recordo de ver uma linguagem tão escatológica como esta num documento destes, tão de vida ou de morte»*.

Esta linguagem *«tão escatológica»* que o ministro refere está cada vez mais presente (consciente ou inconscientemente), nas notícias e nas conversas do nosso dia a dia. É uma linguagem que apresenta já como que um limite temporal para a nossa existência colocando o ano de 2050 como o ano decisivo para todos os desenvolvimentos. É uma linguagem que por vezes expressa uma visão e um pensamento sombrios e reservados sobre o futuro e a própria sustentabilidade do planeta, ou seja, da vida humana. Tal está já a ter efeitos diversos sobre os comportamentos e opções das pessoas perante a vida e o futuro da própria vida humana.

Este cenário foi ainda agravado pelo contexto pandémico do COVID que nos afeta e que nos parecia irrealista há pouco tempo atrás. A pandemia veio mostrar a imprevisibilidade de acontecimentos globais cujos efeitos afetam seriamente as diversas dimensões da vida. Ou seja, aumentou a incerteza perante o futuro, e a incerteza traz sempre também a insegurança. Tal pode explicar em parte, por exemplo, a reserva hoje de muitos casais jovens em terem filhos num mundo ameaçado e que trará muito sofrimento às gerações vindouras. Ou poderá explicar também uma atitude mais individualista perante a vida, sustentada numa descrença perante projetos coletivos e de horizontes temporais mais alargados. Vive-se mais para o imediato e para um presente sem perspetiva de continuidade. Como consequência, falta, então, um sentido de compromisso a longo prazo e para a vida e perde-se assim um sentido de futuro e de horizonte, que naturalmente reduz a esperança e a alegria no tempo presente. A

¹ <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759272>

capacidade de mudar a atual situação requer a capacidade de compreender o que se está a passar por muito doloroso que seja o enfrentar da realidade. Por isso «*vemos, ouvimos e lemos, e não podemos ignorar*».

2 – A mudança que se exige

Vivemos, então, um tempo *Kairós*, um tempo de oportunidade em que se joga de uma forma muito determinante o nosso futuro e o futuro das gerações vindouras. A urgência do tempo presente e as consequências futuras do que fazemos ou deixamos de fazer agora, só podem ser enquadradas na advertência que S. Paulo faz na carta aos Efésios: «*não façam as coisas de qualquer maneira, mas procurem compreender bem qual é a vontade do Senhor*». (Efésios 5, 17). Para S. Paulo, há um estilo e uma ética de vida cristã que se sustenta no cumprimento da vontade de Deus e na santidade que vem da verdade (Efésios 4,24). O nosso estilo de vida, as nossas opções têm que cada vez mais se conformar com a vontade de Deus que nas palavras do próprio S. Paulo, consiste em «*abandonar velhos costumes e maneiras antigas de viver, corrompidos por desejos enganadores*» (Efésios 4,22). Devemos, pois, renovar a nossa mentalidade, seguindo os critérios do Espírito Santo e na urgência de um passar do tempo e dos ponteiros do relógio que joga contra nós. A ganância do ter que se exprime num consumo sem controle tem que dar lugar a um modo de vida centrado no essencial. Temos uma «*vida nova em Cristo*» que se rege por normas próprias para poder ser plenamente usufruída. Viver com Cristo e em Cristo implica não só o renovar da mentalidade como o assumir de novos hábitos e em particular ao nível do consumo que diariamente fazemos para nos sustentar. Tal requer de cada um de nós e da humanidade no seu todo, um sentido de responsabilidade pelo momento que vivemos, dado que o aquecimento humano é inequivocamente culpa nossa.

É verdade então e como afirma S. Paulo que «*os dias que correm são maus*», mas é também o mesmo S. Paulo que na sua carta aos Coríntios afirma: «*Agora é o tempo em que Deus concede a sua ajuda e o dia em que se pode alcançar a salvação*» (II Cor. 6,2). Para ele o tempo da fé, o tempo do Messias e o tempo da construção do Reino não é um tempo futuro, mas antes um tempo presente que desde já nos confere o sentido da eternidade. Ou seja, e como já foi referido «*em S. Paulo a verdadeira escatologia talvez não seja outra coisa que a transformação da experiência das coisas penúltimas*»². O que move S. Paulo e nos deve mover a nós é a confiança e a esperança num tempo presente e futuro no qual Deus está sempre presente. Porque Deus é o Senhor da História e do Tempo o nosso compromisso exprime-se no aqui e agora da nossa existência sem perder nunca o horizonte de eternidade que a fé na divindade e na ressurreição de Cristo nos confere.

² * *Giorgio Agamben na catedral de Notre-Dame, em Paris, em março de 2009.*

3 - Uma vida Eucarística

No Evangelho de S. João e como temos vindo a proclamar e a acolher nos Evangelhos dominicais, Jesus oferece-se a cada um, como sendo *o pão da vida*: «*O pão que eu dou é o meu próprio corpo, oferecido para que tenham vida*» (S. João 6,51). Jesus oferece-se e entrega-se para que outros possam viver n'Ele e por Ele. Jesus é muito claro neste aspeto dizendo: «*Aquele que se alimenta por mim vive por mim*» (S. João 6,57). É uma relação que não se circunscreve apenas à celebração eucarística, mas que partindo da celebração permite que possamos usufruir de uma vida eucarística de comunhão com Cristo, com os outros e com a toda a criação de Deus. Há uma dimensão eucarística da vida que religa e une as diferentes áreas da nossa existência e do nosso compromisso. Importa assumi-la de forma a encontrar o sentido da confiança e da esperança tão necessários para o enfrentar dos desafios do tempo presente. E tal é possível acolhendo o alimento que é Cristo e que nos confere a vida eterna. Acolhemos Cristo na Sua Palavra, no Seu sacramento, na Sua Igreja e na solicitude com aqueles e aquelas que na sua fragilidade são também presença real e verdadeira do próprio Deus. Este acolhimento confere vida nova e nova esperança na ação em nós do Espírito Santo. Cristo quer estar connosco e caminhar connosco! No Seu Amor nunca nos deixa sozinhos e reitera sempre o convite: «*Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso*» (Mateus 11, 28).

Mas não O acolhemos sozinhos, antes na comunhão da Igreja e na relação de uns com os outros. A relação própria e individual de cada um com Cristo exprime-se e ganha pleno sentido na abertura e comunhão com os outros nossos irmãos e irmãs na fé. É a diferença entre comermos sozinhos ou comermos acompanhados no convívio e relação sempre enriquecedores com os outros. E todos nós sabemos que uma boa refeição ganha muito com uma boa companhia. Esta comunhão de uns com os outros torna-nos capazes de em conjunto e não sozinhos, de enfrentar o desafio do tempo presente e abre-nos também ao diálogo e à cooperação com todos os homens e mulheres de boa vontade independentemente da sua raça ou credo. Só juntos e cooperantes seremos capazes de vencer o desafio de vida que a todos se nos oferece enquanto família humana que habita a mesma OIKOS.

4 - Tempo da Criação 2021; o exemplo que gera a Esperança

Queridos irmãos e irmãs em Cristo, a partir do próximo dia 1 de setembro e até 4 de outubro (Dia de S. Francisco de Assis), as Igrejas em todo o mundo vão celebrar o denominado Tempo da Criação. A família cristã celebra o dom da Criação que recebemos de Deus. Será um tempo de oração, louvor e compromisso concreto por parte dos cristãos. O tema deste ano remete-nos para a Criação enquanto Casa de Deus e para a necessidade de os cristãos juntamente com todos os homens e mulheres de boa vontade renovarem a Casa (OIKOS) que nos é confiada por Deus.

Enquanto comunidades de fé só seremos capazes de transmitir Esperança através do exemplo. Este Tempo da Criação apela então a ações e compromissos que falem por si e contagiem outros e outras dentro e fora da comunidade. Apela a exemplos de vida! Temos assim e no decorrer deste tempo do calendário litúrgico uma oportunidade para trabalho espiritual e prático. Para a oração e para ações concretas de defesa da natureza e do meio ambiente.

Gostaria que cada comunidade lusitana assumisse durante este Tempo da Criação compromissos e ações concretas na área ambiental a serem concretizadas no decorrer do ano pastoral 2021/2022. Se assim o fizermos, renovamos em nós e nos outros o sentido da esperança e da confiança tão necessários para o tempo presente.

Indico desde já alguns procedimentos e orientações:

- a) - O Guia próprio para o Tempo da Criação 2021 pode ser consultado em <https://seasonofcreation.org/wp-content/uploads/2021/05/2021-SOC-Full-Guide.pdf>

Logo que exista a versão Portuguesa a mesma será enviada a todos os membros do Sínodo. Este guia é um manual de excelentes sugestões para Oração + Reflexão – Ação Prática;

- b) - Solicito que cada Paróquia da Igreja elabore um plano de atividade para este Tempo da Criação que também envolva crianças e jovens e mo faça chegar em jeito de compromisso concreto e assumido. O dia 1 de setembro (quarta feira e início do Tempo da Criação) deverá ser assinalado com uma Oração comunitária própria;

- c) - Sempre que possível cada paróquia e Missão deve procurar promover uma celebração ecuménica subordinada ao Tema da Criação;

- d) - A Oração da Noite (via Zoom) às quartas feiras será retomada a 1 de setembro e durante esse mês será dedicada ao Tempo da Criação com testemunhos e intervenções diversas;

- e) - No Domingo 26 de setembro será seguida em cada Paróquia e Missão da Igreja Lusitana uma liturgia própria (a ser enviada pela diocese) subordinada ao Tema da Criação. Será uma oportunidade para envolver toda a comunidade e fazer convites a outros. Onde possível sugere-se que a celebração seja feita no exterior do templo;

- f) – Muitas outras atividades podem e devem ser desenvolvidas. Haja vontade e compromisso da parte de todos!

Termino reiterando a mesma confiança em Deus que o salmista tão bem exprime:

*Senhor, ouve a minha oração
e chegue a ti o meu clamor.
Não desvies de mim o teu olhar,*

*quando estou angustiado;
digna-te escutar o meu lamento!
(...) Tu, Senhor, permaneces para sempre! (Salmo 102)*

Bênção

*Deus que estabeleceu a dança da Criação,
que se maravilhou perante os lírios do campo,
que transformou o caos em ordem;
nos guie na transformação das nossas vidas e igrejas
de forma a que a Sua glória seja refletida na Criação. Amén.*

+ Jorge

16 de agosto de 2021